Pedro demo

Para Marx, a **posição sócio-econômica** de uma pessoa determina mais que a sua intenção.  
Engels, em sua carta a Bloch, em 1890 disse que somos nós mesmo que fazemos nossa história, mas sob premissas e condições muito concretas: Econômicas, politicas e a tradição. A primeira decide em última instancia, enquanto a politica e a tradição não desempenham um papel muito decisivo, entretanto, “povoa como um doente a cabeça dos homens”.

“**O capitalismo** procura levar os exploradores a aceitarem a condição de exploração como natural, bem como a classe dominante a justificar a exploração como fenômeno funcional”. Pedro Demo afirma que a forma de liberar a classe trabalhadora da ideologia dominante é com o auxilio da ciência.

Para que o proletariado seja capaz de adquiri a **consciência proletária**, de sua classe, é necessário dar a ele ferramentas da teoria marxista, “único instrumento capaz de liberar a tendência ideológica proletária das deformações reformistas e economicistas, produtos da ideologia burguesa dominante.”

**O estado**se divide em função técnico administrativa (utilizada para reproduzir as condições de exploração do trabalhador direto) e a dominação política (define propriamente o estado).  
Quanto a crítica marxista da morte do Estado, Engels escreveu: “Quando o Estado se transformar, finalmente, em representante efetivo de toda a sociedade, tornar-se-a por si mesmo supérfluo. Quando já não existir nenhuma classe social para manter oprimida; quando desaparecerem, juntamente com o domínio de classe e com a luta pela existência individual gerada pela atual anarquia existente na produção, os choques e os excessos resultantes dessa luta, não mais haverá para reprimir; portanto não haverá qualquer necessidade dessa força especial de repressão, o Estado.”

Diante dessa utopia, o governo sobre as pessoas será substituído pela administração das coisas e pela direção dos processos de produção. E o estado não será abolido, extingua-se.  
“Não é realista imaginar uma sociedade futura tão perfeita, na qual não “haveria ninguém a quem reprimir”, mesmo que “ninguém” se estada no sentido de uma classe. (…) Assim, uma coisa é propor-se a destruição do aparato burguês de Estado, proposta coerente no marxismo; outra é imaginar que a solução econômica traria igualmente a solução política. Esta ilação nos parece gratuita”.

Resumo da utopia marxista de Estado: O Estado foi criado pelo e para a classe dominante. Num regime socialista vigente, sem a necessidade de classes sociais e econômicas, onde todos seriam iguais, não seria mais necessário a função nem a existência do Estado. Precisaríamos de leis e regras para que? Policia para que?

**Ditadura do proletariado:** “Seu objetivo é construir o socialismo, suprimir a divisão da sociedade em classes, converter a todos os membros da sociedade em trabalhadores, destruir a base sobre que descansa a exploração do homem pelo homem (capitalismo). Esse objetivo não pode ser alcançado de um golpe só; exige um período bastante grande de transição do capitalismo ao socialismo, tanto porque é empreendimento difícil reorganizar a produção, como porque necessita de tempo para introduzir mudanças radicais em todos os domínios da vida e porque a enorme força da tradição de um modo burguês de dirigir a economia somente pode ser superada numa luta vasta e tenaz.” Para Marx, a transição do capitalismo para o socialismo se dá através da ditadura do proletariado.

Geraldo

O "Novo" Trabalho  
A organização do Trabalho no Século 20, de Geraldo Augusto Pinto, trás elementos incríveis, com uma leitura bem didática do que foi o modelo de produção fordista, taylorista e toyotismo - esse, em especial, perdura até os dias de hoje, sendo peça chave para reestruturação produtiva. O livro mostra o quanto foi importante e o quanto cada modo de produção revolucionou e transformou o modo em que os trabalhadores, de fábricas, haviam a se comportar.  
  
O Fordismo idealizado pelo empresário estadunidense Henry Ford (1863-1947), fundador da Ford Motor Company, o Fordismo é um modelo de Produção em massa que revolucionou a indústria automobilística na primeira metade do século XX. Com sua padronização e com a busca do conhecimento dos trabalhadores - o conhecimento adquirido de quem tinha anos de conhecimento era utilizado para a produção e assim agilizando, padronizando e tornando a produção em série.  
  
O Taylorismo foge desse conhecimento mais comum, caraterístico do modo de produção fordista, agora uma administração cientificada, com dados e comprovação empírica, criado pelo estadunidense Frederick Taylor, onde ele dividia os trabalhadores em cédulas, onde ele criticava a onda psicologizante que o fordismo trazia - estimular/incentivar - e cada vez mais, o trabalhador, com novas ideias seria compensado por elas. O super estoques seria característica desse modo de produção.  
  
O Toyotismo é um sistema de organização voltado para a produção de mercadorias. Criado no Japão, após a Segunda Guerra Mundial, pelo engenheiro japonês Taiichi Ohno, o sistema foi aplicado na fábrica da Toyota (origem do nome do sistema). O Toyotismo espalhou-se a partir da década de 1960 por várias regiões do mundo e até hoje é aplicado em muitas empresas.

Guiddens

‘Em defesa da sociologia’, in: Em defesa da sociologia – ensaios, interpretações e treplicas. GIDDENS, Anthony.

A ideia central do texto é a conceituação e encaixamento das ciências sociais dentro o plano das ciências, em um sentido amplo de construção do conhecimento, versando sobre as distintas vertentes da sociologia quanto construção de um conhecimento sólido. Atribuindo, às ciências sociais um caráter de ciência difundida com suas características, GIDDENS identifica três características da ciência social mais difundida, o que ele chama de ‘consenso ortodoxo’ ou ‘canônico’. São elas:

Naturalismo: na qual as ciências sociais deveriam desenvolver uma metodologia próxima ou baseada na metodologia cientifica das ciências naturais. (podem chamadas de ‘positivismo’);

Ortodoxo: a explicação das ciências sociais encontra-se no âmbito de uma ‘causação social’, entendida como a motivação de nossas ações como algo inerente a nossa consciência, sendo o agente humano movido por ‘causas fora da consciência do individuo’;

Funcionalismo: tendo raiz na concepção biológica de sistemas, defende que as ciências sociais deveriam se assemelhar com as ciências naturais, porém restringem ao conceito de sistemas, como uma alusão à biologia.

O que outrora era consenso, vem aos poucos perdendo espaço, sendo atualmente uma postura de minoria, o consenso ortodoxo perde espaço para uma visão para diferentes perspectivas teóricas, enunciadas no texto como a etnometodologia, formas de neoweberianismo, a fenomenologia, o estruturalismo, a hermenêutica e a critica social, em uma lista apresentada interminável.

Identifica-se duas posturas nesse quadro: 1) a aceitação com simpatia; e 2) a negativa. Os que adotam a primeira postura se colocam influenciados pela filosofia da ciência defendida por Feyerabend, os da segunda postura atuam nas áreas empíricas das ciências sociais.

Para Giddens, na teria social atual, existem uma síntese acerca dos que compreendem as ciências sociais, ‘quais são seus componentes teóricos, e quais seriam as implicações para efeito de analise empírica’ em ouras palavras pode-se dizer que ambas as posturas são aceitas e podem ser complementadas entre si.

O autor realiza uma critica sobre a obsessão dos defensores do posicionamento ortodoxo, em querer instituir a metodologia empírica, como forma de busca de ‘explicações’ dentro das ciências sociais. A restauração encontra-se ‘em recuperar a noção do agente humano conhecedor’, que nas palavras de Giddens representa que ‘as ciências sociais devem concentrar sua atenção em fenômenos que, em nossa vida cotidiana, reconhecemos como características básicas da ação humana, mas que, como cientistas sociais, também tendemos a negligenciar.’ Outra falha da concepção tradicional é a busca por ‘leis da vida social’, caindo numa generalização, e essa generalização ‘não podem formar um paralelo perfeito com as leis pertinentes às ciências naturais porque as relações causais que pressupõem dependem de consequências não-intencionais da ação proposital’.

Giddens defende que ‘A ciência consiste em um esforço interpretativo, em que as teorias compreendem conjuntos estruturados de significados. Ao contrario da ciência natural, contudo, as ciências sociais envolvem uma dupla hermenêutica, visto que os conceitos e as teorias desenvolvidas no âmbito destas se aplicam a um mundo constituído das praticadas por indivíduos que conceituam e teorizam’.

O autor termina o texto afirmando que ‘a ciência social não assume uma posição de neutralidade em relação ao mundo social, como instrumento de transformação tecnológica [como o objetivo das ciências naturais], o trabalho critico não pode se limitar à critica de falsas crenças leigas’.

Karl marx

A ideia marxista é uma crítica bem radical às sociedades capitalistas, mas não se limita a apenas a teoria. Aliás, Karl acaba sendo opositor entre a prática e a teoria dessa ideia, ou seja, contra a separação da realidade e do pensamento.

Além disso, ele compreende que é trabalho é a atividade fundadora da sociedade e de toda a humanidade. E este, acaba se desenvolvendo de maneira social, já que o próprio homem é um ser social.

Sendo assim, as relações entre os homens sociais e de produção, acabam fundando o processo de formação da sociedade. E é a partir desse conceito que Marx identifica e compreende as demais ciências e a alienação do trabalho.

Alguns dos principais estudos e leituras que Marx fez foi o socialismo utópico, a filosofia alemã e a economia clássica política.

Uma das ideias de Marx é o conceito de classes sociais. Para ele, as relações de produção acabam por controlar a distribuição dos produtos e dos meios de produção, e ainda a apropriação do trabalho e de toda essa distribuição. Esse processo acaba resultando que a sociedade se divida.

Já o conceito que Marx desenvolveu da Mais-Valia, tinha o objetivo de explicar como o lucro era obtido em um sistema capitalista. Isso porque, o trabalho e a mão de obra, acaba gerando certa riqueza, assim, a mais-valia seria o valor restante de uma mercadoria, ou seja, a diferença existente entre o que o empregado recebe e o que ele produz.

Mas, sem dúvida alguma, sua grande obra é O Capital, um livro de economia política, que faz uma análise bem extensa de toda a sociedade capitalista. Uma obra completamente científica, sintética, descritiva, filosófica, crítica e analítica. Vale salientar, que esta é uma obra incompleta, uma vez que apenas o primeiro volume foi publicado enquanto o filósofo ainda era vivo. Os volumes que foram publicados posteriormente a sua morte, foram organizados por outro pensador, Engels.

Apesar de nunca ter escrito um livro totalmente às ciências sociais, mas, deixou esses pensamentos soltos em diversas obras escritas, nas quais acaba desenvolvendo um método próprio por meio de críticas à economia clássica política e ao idealismo hegeliano especulativo.

Em suas obras, Marx ainda propôs que houvesse uma investigação da reprodução da sociedade e do desenvolvimento histórico das formas de produção, partindo do abstrato para o concreto e vice-versa.

Max weber

Para compreendermos melhor a obra produzida pelo sociólogo Max Weber, é importante saber que ele recebeu muita influência de Immanuel Kant, cujas ideias o ajudaram a desenvolver o conceito de “tipo ideal”. De acordo com essa ideia, Weber defendia que as categorias inseridas nas ciências sociais eram uma espécie de produto da subjetividade do pesquisador, ou seja, a interpretação pessoal de cada estudioso acabava influenciando na construção das teorias.

Em praticamente todas as obras de Max Weber é possível perceber a forte presença da ideia de tipo ideal. Entre as principais obras que ele produziu ao longo da vida, podemos destacar: A ética protestante e o espírito do capitalismo; Estudos sobre a sociologia e a religião; Estudos de metodologia e Política como Vocação.

Em A ética protestante e o espírito do capitalismo, Max Weber discute a relação entre o protestantismo e o estabelecimento do sistema capitalista moderno, analisando como aquela doutrina religiosa contribuiu com a formação de todo um ideal político e econômico.

Nessa obra, Max Weber faz uma espécie de contraposição entre o catolicismo tradicional e o protestantismo. Afinal, a partir do momento em que uma religião se consolida em um determinado local, é inevitável que ela influencie nos costumes e na cultura das pessoas e isso interfere na relação que elas mantêm com a questão da economia e do dinheiro propriamente dito.

Weber diz que enquanto o mundo era dominado pelo catolicismo, as pessoas viviam de acordo com a cultura oriunda dele, em que a usura era condenada e a salvação viria pela confissão, pagamento das indulgências e participação nos cultos. Desse modo, para os católicos (pelo menos a maioria), o trabalho não era nada além de uma forma de manter o próprio sustento.

Já a doutrina Protestante, formada a partir do Calvinismo, pregava que o trabalho era uma forma de enobrecimento do homem, que o fazia ganhar uma posição de dignidade diante do próprio Deus. Ter uma rotina de muito trabalho seria uma forma de se manter longe do pecado. Além disso, os prazeres mundanos, todos eles, eram condenados por essa religião, o que facilitava a acumulação de bens.

Diante de todas essas premissas, A ética protestante e o espírito do capitalismo aborda de forma brilhante a relação entre a religião e a economia.

Esse resumo sobre Max Weber mostra os motivos que fazem desse pensador tão importante até os nossos dias.

O objeto de estudo de Max Weber eram as ações sociais dos indivíduos, que eram motivadas pelas causas racionais, afetivas ou tradicionais (Veja abaixo o conceito de cada uma dessas causas). Essas ações sociais resultariam na relação social, caracterizada pela reciprocidade de ações, ou seja, quando as ações sociais se tornam recíprocas, nasce então a relação social.

A sociedade, para Weber, compreende diferentes esferas (econômica, política, religiosa, jurídica), cada uma com uma determinada lógica autônoma de funcionamento, cuja trama resulta das ações individuais.

O procedimento de Max Weber era histórico-comparativo, pois ele entendia que não era possível analisar a vida social com métodos naturais, contrariando claramente as ideias do sociólogo Émile Durkeim. Para Weber, a realidade é infinita, e a análise só pode ser realizada à partir de fragmentos, da particularidade de cada sociedade.

O objetivo seria compreender pela interpretação, e não apenas observar, a atividade social, para explicar suas causas, desenvolvimento e efeitos. As leis gerais são se aplicariam, pois a procura deveria ser pela compreensão da singularidade. Para isso, Max Weber indica que deve haver uma separação do juízo de valor, que é o que se escolhe analisar, e se torna o ponto de partida, do juízo de fato, que vai nortear a pesquisa e a análise de forma imparcial.

O principal instrumento metodológico de Max Weber era o tipo ideal, que consiste na abstração e combinação de elementos da realidade, destacando um ou vários pontos de vista, ordenando os fenômenos, que isolados de tornam dados, e com isso, formar um quadro homogêneo de pensamento. Esse se torna o modelo, o tipo ideal. Com esse método, é possível realizar comparações da realidade observada, através da proximidade entre ela e o tipo ideal.

Abaixo, alguns dos principais conceitos para Max Weber:

Poder – possibilidade de impor a própria vontade.

Dominação – exercício do poder, estabelecimento de subordinações.

Política – competição entre valores equivalentes.

Estado – Luta de indivíduos pelo poder, sem sentido predeterminado. Os tipos de estado se definem pelos meios de dominação que utilizam. É a única instituição que tem o monopólio da violência, pois a violência cometida pelo Estado é legítima.

Formas de dominação legítima (causas da ação social):

Racional – baseada no direito e na legislação (burocracia, Estado);

Tradicional – baseada no costume e na crença de um poder sagrado, como se ninguém pudesse se opor;

Afetiva – baseada no carisma do líder, ou seja, a forma de poder se torna quase irresistível.

Esses tipos de dominação são puros, mas, o que pode se observar na sociedade, é uma combinação das três, com predomínio de uma delas.

Aqui no Brasil, por exemplo, tivemos o exemplo de uma liderança racional e carismática, com o ex-presidente Lula. O carisma que era dedicado ao povo, fez com que sua liderança fosse quase irresistível, mas suportada pela dominação racional, das eleições.